DOI 10.20504/opus2017b2309

Equivalência de itens, semântica e operacional da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical

Aline Moreira André
Cristiano Mauro Assis Gomes
Cybelle Maria Veiga Loureiro
(UFMG, Belo Horizonte-MG)

Resumo: Os pesquisadores americanos Nordoff, Robbins e Marcus (2007) desenvolveram em 1964 a Escala de Comunicabilidade Musical. Utilizaram, nessa escala, instrumentos musicais, a voz e movimentos corporais para estudar em crianças os diferentes aspectos da capacidade de comunicação através da música. Objetivamos, nesta pesquisa, avaliar a tradução realizada da Escala de Comunicabilidade Musical e de seu manual explicativo para o português brasileiro. Como metodologia, realizamos 3 etapas do Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998) denominadas equivalência de itens, equivalência semântica e equivalência operacional. Participaram desse estudo 4 tradutores na etapa inicial e 10 avaliadores no processo de avaliação da tradução. Foram utilizados como instrumentos, a Escala de Comunicabilidade Musical de Nordoff Robbins e seu respectivo manual explicativo. Foi elaborada especialmente para este estudo uma Ficha para análise das Traduções e um Questionário de Análise da Equivalência de Itens, Semântica e Operacional. De acordo com a análise das respostas coletadas dos avaliadores, a tradução dessa escala apresenta linguagem compreensível, seus itens são pertinentes para o contexto brasileiro e podem contribuir para futuras pesquisas em musicoterapia e em música.

Palavras-chave: Escala de Comunicabilidade Musical. Musicoterapia. Escala Nordoff Robbins. Tradução da Escala NR.

Item, Semantic and Operational Equivalence of the Brazilian Translation of the Nordoff-Robbins Music Communicativeness Scale

Abstract: In 1964, the American researchers Nordoff, Robbins and Marcus (2007) designed the Musical Communicativeness Scale. Their approach uses musical instruments, voice and body movements to evaluate various aspects of the capacity of children to communicate through music. Our objective is to evaluate the Brazilian Portuguese translation of the Musical Communicativeness Scale and its explanatory manual. As a methodology, we performed 3 steps of the Universal Validation Model developed by Herdman, Fox-Hushby and Badia (1998), namely item, semantic and operational equivalence. Study participants included four translators during the initial stage and ten evaluators during the translation evaluation process. The Nordoff-Robins Musical Communicativeness Scale was used as an instrument along with its respective explanatory manual. Also, we specially elaborated for this study a form to analyze the translation and a questionnaire for the item, semantic and operational equivalence analysis. According to the analysis of the responses collected from the evaluators, the translation of the scale utilizes understandable language and items pertinent to the Brazilian context, and therefore, may contribute to future research in music and music therapy.

Keywords: Musical Communicativeness Scale; music therapy; Nordoff-Robbins scale; translation of the NR scale.

ANDRÉ, Aline Moreira; GOMES, Cristiano Mauro Assis; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Equivalência de itens, semântica e operacional da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical. *Opus*, v. 23, n. 2, p. 197-215, ago. 2017. http://dx.doi.org/10.20504/opus2017b2309

Submetido em 28/02/2017, aprovado em 09/06/2017.

Com o avanço nos estudos em música e musicoterapia, tornou-se necessário o desenvolvimento de meios para avaliação que auxiliem no contexto clínico e de pesquisa em todo o mundo. A partir dessa necessidade, profissionais iniciaram pesquisas para desenvolver diversos testes. Dentre esses profissionais, podemos destacar pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, que em 1964 iniciaram pesquisas para avaliar o relacionamento, a comunicabilidade musical e as formas de engajamento do paciente no atendimento clínico em musicoterapia. Nordoff, Robbins e Marcus (2007) relatam que essas pesquisas deram origem a três escalas conhecidas como Escalas Nordoff Robbins. São elas: Escala de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa (*The child-therapist relationship in coactive musical experience*), Escala de Comunicabilidade Musical (*Musical Communicativeness*) e Escala de Musicabilidade, que compreende: formas de atividade, estágios e qualidades de engajamento (*Musicing: forms of activity, stages and qualities of engagement*). Essas escalas passaram por atualizações no decorrer dos anos e atualmente são utilizadas no contexto clínico, de pesquisa em musicoterapia e para treinamentos de estudantes de musicoterapia no Centro Nordoff Robbins, localizado em Nova Iorque (EUA).

No contexto brasileiro, a necessidade de testes que avaliem comportamentos a partir de estímulos musicais é grande, conforme afirmam os autores Gattino, Walter e Faccini (2010). Pelo fato das Escalas Nordoff Robbins serem utilizadas há cinco décadas em seu contexto original, acreditamos que possivelmente elas possam contribuir também no contexto brasileiro.

Para que essas escalas sejam utilizadas no contexto brasileiro, é necessário que haja um processo de validação. Em nosso estudo, apresentaremos parte do processo de validação da segunda escala, denominada Escala de Comunicabilidade Musical.

Segundo Nordoff, Robbins e Marcus (2007), a Escala de Comunicabilidade Musical está relacionada com a possibilidade de envolver um paciente em um processo de despertar para a consciência musical, para sua percepção e seus prazeres, para as experiências de comunicação, liberdade pessoal e realizações que podem acontecer. Ela também está relacionada com a estimulação do impacto da música, o interesse que a coatividade musical pode sustentar, a liberação e entusiasmo que isto pode gerar e a motivação comunicativa que ela pode liberar. A comunicação musical é realizada na musicoterapia por meio de três modos de atividade: Instrumental, Vocal e Movimento Corporal. A resposta de uma criança pode ocorrer em todos os três modos ou em apenas um ou dois, e a ênfase da resposta pode se mover de um modo para outro. Para pesquisar em geral os meios de comunicação pertencentes à situação terapêutica, a escala define os níveis sucessivos de comportamento comunicativo em cada modo e os mostra em um formulário de avaliação de forma que a atividade comunicativa desenvolvida igualmente nos modos permaneça no mesmo nível.

Segundo Nordoff, Robbins e Marcus (2007), os graus de 1 a 4 são classificados pelos autores como o início gradual de um processo de despertar da consciência musical, encontro e desenvolvimento das habilidades receptivas e expressivas que estimulam e proporcionam a comunicação musical. Pode-se pensar nos graus de 1 a 4 como "*stepping in and stepping down*" (passo para dentro e passo para baixo) (Fig. 1). Esses graus descrevem os estágios de ativação e as diferenciações de consciência que levam ao início de resposta musicalmente intencional, ou seja, uma criança não comunicativa passa gradualmente a desenvolver pequenas respostas. Os graus de 1 a 4, portanto, delineiam as etapas de um processo de desenvolvimento de despertar da consciência e resposta à música do musicoterapeuta e à sua própria capacidade emergente.

No grau 4, o início de uma ligação integrativa está ocorrendo a partir dos quais os pacientes se tornam mais capazes e direcionados para exteriorizar os níveis de comunicação musical interpessoal. Enquanto a resposta se move para o grau 5, o paciente está alcançando um pouco de independência da individualidade na música , sendo capaz de se comunicar através da mesma. A coatividade e a interatividade do grau 6 consolidam essas experiências e capacidades. O grau 7 acomoda as atividades do paciente livre, entusiástico e frequentemente criativo musicalmente. Os graus de 4 a 7 descrevem os estágios de ampliação da comunicação e do amadurecimento pessoal-musical que resultam de um progressivo comprometimento musical. Eles avaliam a intensificação da atividade e avanços na flexibilidade, qualidade, amplitude e vigor da receptividade e da expressão. Esses se manifestam como um desenrolar da inteligência musical de uma criança de forma desenvolvida e progressivamente liberada de uma disfunção emocional e/ou orgânica para se tornar livremente comunicativa e comunicável. Consequentemente, os graus de 4 a 7 podem ser pensados como "*stepping up and stepping out*" (passo para cima e passo para fora) (Fig. 1).

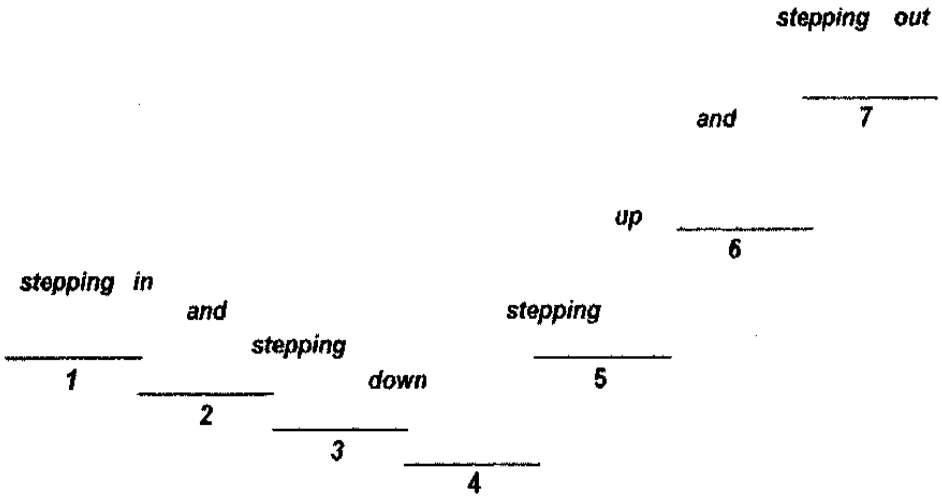


Fig. 1: Explicação dos graus da Escala de Comunicabilidade Musical (NORDOFF; ROBBINS; MARCUS, 2007: 397).

Para validar essa escala para o contexto brasileiro, utilizamos uma metodologia a partir do Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998) para validar testes levando em consideração os contextos sócio-linguístico-culturais. Este modelo está dividido em 6 etapas: *equivalência conceitual* – estudo no uso original do teste; *equivalência semântica* – tradução, verificação e adaptação para o novo idioma; *equivalência de itens* – verificação dos itens relevantes para a cultura que utilizará o teste; *equivalência operacional* – escolha do melhor formato de apresentação do teste; *equivalência de mensuração* – realização de testes estatísticos para verificar consistência interna, confiabilidade, entre outras questões; *equivalência funcional* – análise das etapas anteriores para verificar se o teste está pronto para utilização e validação.

André, Gomes e Loureiro (2016) já realizaram a *equivalência conceitual* a partir de um estudo de revisão de literatura sobre a utilização das Escalas de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de Comunicabilidade Musical. Através dessa análise, verificou-se que

os estudos com as mesmas aumentaram no decorrer dos anos em diversos contextos relacionados à musicoterapia e em diversas populações, como: pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA), descrito pelos autores Bergmann (2015), Bell et al. (2014), Bergmann et al. (2016), Caltabiano (2010), Mackinlay e Forrest (2011), Mahoney (2010), Szweda (2015), Wigram (2007) e Wigram e Gold, (2006); pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento, descrito pelos autores Aigen (1995) e Mahoney (2010); pessoas saudáveis, descrito pelos autores do Centro Nordoff Robbins da Austrália (2008) e pelos autores Bunt (2003), Rahman (2008) e Wood (2006). A escala também foi utilizada para avaliar pessoas com anorexia nervosa, conforme descrito no estudo de Robarts (2000).

Além dessas utilizações no contexto original, as Escalas Nordoff Robbins também começaram a ser utilizadas em pesquisas no contexto brasileiro, como pode ser observado no estudo de André e Batista (2014), que realizaram confiabilidade interexaminadores das Escalas Nordoff Robbins de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de Comunicabilidade Musical e validade concorrente em comparação com os testes *Childhood Autism Rating Scale* (CARS), *Autism Treatment Evaluation Checklist* (ATEC) e Perfis de Avaliação Improvisacional (IAPs).

Ainda no contexto brasileiro, podemos observar o estudo de Freire (2014), que utilizou essas escalas para avaliação de crianças autistas em sessões de musicoterapia em conjunto com os testes CARS, ATEC, Inventário de Comportamentos Autísticos (ICA), *Aberrant Behavior Checklist* (ABC), *Children Global Assessment Scale* (CGAS) e *Clinical Global Impression* (CGI) e o estudo de Sampaio (2015), que utilizou as Escalas de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de Comunicabilidade Musical em conjunto com o Protocolo de Avaliação da Sincronia Rítmica em Musicoterapia.

Em nosso estudo, realizaremos a *equivalência de itens*, a *equivalência semântica* e a *equivalência operacional* da Escala de Comunicabilidade Musical segundo o modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998). O processo de *equivalência semântica* de nosso estudo ocorreu a partir da tradução para o português do manual explicativo e da Escala de Comunicabilidade Musical. A *equivalência de itens* foi realizada por meio da verificação da pertinência de todos os itens da escala para o contexto brasileiro, e a *equivalência operacional* ocorreu a partir de análise e escolha do melhor formato de apresentação da escala.

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa de mestrado na Tradução e Validação das Escalas Nordoff Robbins realizada na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (EMU – UFMG), com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, tendo sido aprovado e registrado sob o número 54578315.5.0000.5149.

Neste estudo, objetivamos realizar a análise das *equivalências de itens, semântica* e *operacional* da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical.

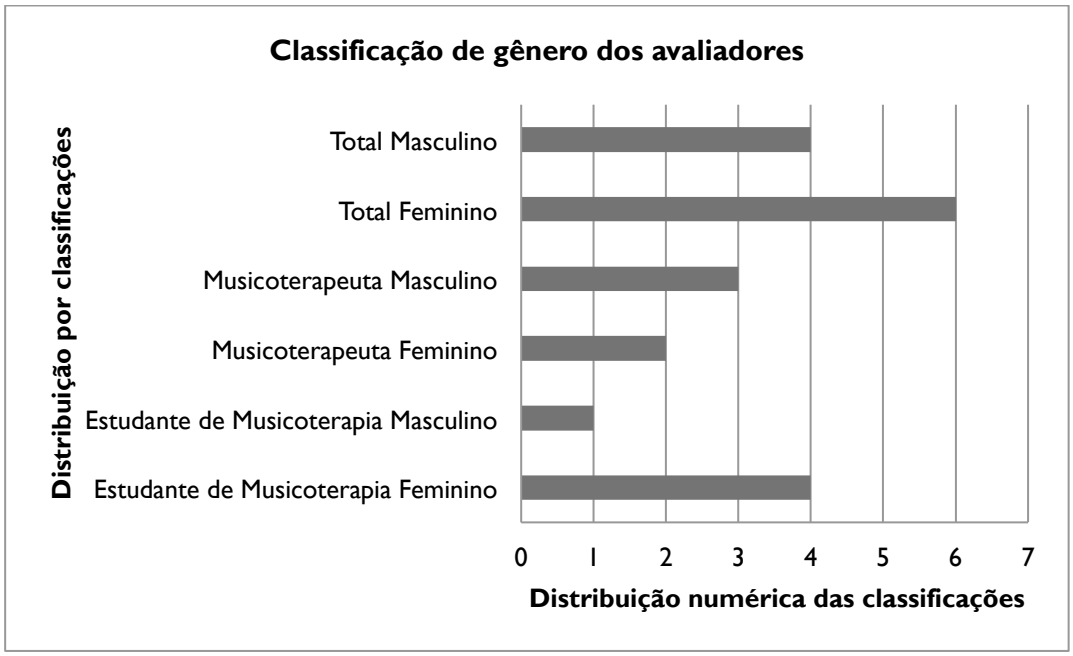
Metodologia

Participantes. Fizeram parte desse estudo 4 tradutores e 10 avaliadores.

Todos os tradutores tinham conhecimento de inglês e português. Com relação ao gênero, 2 eram do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Dentre eles, 1 é formado em Letras e possui

pós-graduação em Tradução, 1 é musicoterapeuta, 1 é estudante de Musicoterapia e 1 é doutorando em Música.

Dentre os avaliadores, 5 são musicoterapeutas e 5 são estudantes de Musicoterapia. Os musicoterapeutas avaliadores possuem entre 2 e 25 anos de prática clínica, e os estudantes de Musicoterapia estão matriculados no último período do curso. Com relação ao gênero, 6 avaliadores são do sexo feminino e 4 são do sexo masculino (Gráf. 1).



Gráf. 1: Classificação de gênero dos avaliadores. No eixo vertical encontra-se a distribuição por classificação e no eixo horizontal encontra-se a distribuição numérica das classificações.

Instrumentos. Foram desenvolvidos especialmente para este estudo dois instrumentos: um para análise das traduções e outro para análise semântica, dos itens e para escolha do melhor formato de apresentação da escala. São eles: a ficha para análise das traduções e um questionário aplicado aos avaliadores.

Além desses instrumentos, também utilizamos a Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical em inglês e o manual explicativo original desta escala com seus respectivos áudios.

A Escala de Comunicabilidade Musical e seu respectivo manual original em inglês podem ser encontrados no capítulo 17 do livro *Creative Music Therapy: Guide to Fostering Clinical Musicianship*, escrito pelos autores Nordoff, Robbins e Marcus (2007). Juntamente com o manual, também podem ser encontrados, nesse livro, áudios complementares ao texto. Esses áudios são exemplos clínicos da aplicação da escala e contêm trechos de atendimentos musicoterapêuticos.

A Ficha para Análise das Traduções foi especialmente elaborada para esse estudo a fim de facilitar a descrição da análise das traduções. A mesma possui cinco questões discursivas que argumentam sobre as traduções e possíveis modificações para melhor entendimento (Quadro 1).

Ficha para Análise das Traduções
1- Ao ler o texto original, a tradução para o português e a retradução para o inglês, você considera que os três textos apresentam os mesmos conceitos e conteúdos semanticamente? Justifique sua resposta.
2- Existe algum trecho que poderia ser melhor explicado em português para maior entendimento da Escala? Justifique sua resposta.
3- Você sugere a troca de alguma palavra no texto ou na Escala de Comunicabilidade Musical?
4- De 0 a 10, como você avaliaria a tradução e a versão em português do texto e da Escala de Comunicabilidade Musical? Justifique sua resposta.
5- Você considera que algumas partes do texto devem ser retiradas quando o capítulo for divulgado e publicado?

Quadro 1: Ficha para Análise das Traduções contendo 5 questões descritivas para arguições.

O Questionário de Análise para *Equivalências de Itens, Semântica* e *Operacional* aplicado aos avaliadores foi elaborado com 17 questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa para que os mesmos pudessem apresentar suas opiniões e justificativas (Anexo 1).

Coleta de dados. A coleta de dados desse estudo ocorreu a partir da tradução da Escala de Comunicabilidade Musical juntamente com seu manual explicativo e aplicação de questionários.

O processo de tradução da Escala de Comunicabilidade Musical ocorreu em 3 etapas. A primeira etapa consistiu em traduzir o manual e a Escala de Comunicabilidade Musical do inglês para o português. Nesta etapa inicial de tradução do inglês para o português, participaram dois tradutores, um para tradução e outro para revisão do texto. Na segunda etapa ocorreu a retradução do texto em português para o inglês. O tradutor convidado para a segunda etapa não tinha conhecimento e não teve acesso à versão original do texto. Na terceira etapa, outro tradutor foi convidado para analisar e comparar o texto original, a versão em português e a retradução para o inglês com a finalidade de avaliar se o texto apresentava as mesmas informações e se precisava ou não de modificações na escrita. Uma ficha para análise foi entregue ao tradutor da terceira etapa para que o mesmo justificasse sua opinião referente à avaliação dos textos. Em todas estas etapas os tradutores receberam áudios com exemplos de sessões descritas no manual explicativo para maior interpretação do texto e da Escala de Comunicabilidade Musical.

Posteriormente ao processo de tradução, 10 avaliadores foram convidados a ler o texto e preencher um questionário com 18 questões para avaliar a semântica, a relevância dos itens da Escala de Comunicabilidade Musical para o contexto brasileiro e o melhor formato de apresentação da mesma. O questionário foi elaborado na plataforma Google e foi enviado por e-mail aos avaliadores.

Análise de dados. As traduções foram analisadas a partir das comparações com o texto original. Após avaliar as traduções, uma versão em português foi analisada pelos avaliadores para verificar a semântica, os itens e o melhor formato de apresentação da escala. Os dados dos tradutores e avaliadores foram armazenados na planilha eletrônica Microsoft Excel 2016. Ao analisar estes dados, de acordo com o Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998), foi possível investigar as equivalências de itens, semântica e operacional da Escala de

Comunicabilidade Musical. As investigações sobre as equivalências podem ser melhor explicadas da seguinte forma:

Equivalência semântica: Consistiu na avaliação da linguagem utilizada levando em consideração as adaptações culturais. Nessa etapa, foi verificado se a palavra utilizada para tradução definia o melhor significado ou se deveria ser substituída por outra palavra para maior interpretação da escala. Nessa etapa, foi levado em consideração a linguagem regional, o nível de formalidade, a linguagem poética e a linguagem atual para escolha da melhor palavra.

Equivalência de itens: Consistiu na análise pelos avaliadores, da pertinência de cada item da escala, levando em consideração as diferenças culturais.

Equivalência operacional: Consistiu na análise dos avaliadores sobre qual seria o melhor formato para apresentação da Escala de Comunicabilidade Musical.

Resultados

Após verificação de cada texto traduzido, não foi encontrada nenhuma falha que alterasse o sentido original da Escala de Comunicabilidade Musical e de seu respectivo manual. O quarto tradutor, após verificar os 3 textos e responder à ficha para análise, classificou a tradução como clara e adequada e sugeriu apenas algumas modificações de concordância verbal ao longo do texto (Quadro 2).

Ficha de Análise das Traduções (tradutor 4)
1- Ao ler o texto original, a tradução para o português e a retradução para o inglês, você considera que os três textos apresentam os mesmos conceitos e conteúdos semanticamente? Justifique sua resposta. **Resposta:** Sim! Pequenas alterações foram feitas para que o sentido se mantivesse em português! Mas foi possível compreender bem o conteúdo dos três textos.
2- Existe algum trecho que poderia ser melhor explicado em português para maior entendimento da escala? Justifique sua resposta. **Resposta:** Não. A escala, os modos e níveis estão bem explicados e detalhados!
3- Você sugere a troca de alguma palavra no texto ou na Escala de Comunicabilidade Musical? **Resposta:** Enviei um novo texto com as sugestões de alterações!
4- De 0 a 10, como você avaliaria a tradução e a versão em português do texto e da Escala de Comunicabilidade Musical? Justifique sua resposta. **Resposta:** 10. Está bem claro, simples e direto. Podemos compreender bem a funcionalidade e a aplicabilidade da escala.
5- Você considera que algumas partes do texto devem ser retiradas quando o capítulo for divulgado e publicado? **Resposta:** Não.

Quadro 2: Ficha para análise das traduções de acordo com as respostas do quarto tradutor.

A tradução do manual e da escala foi considerada pelos avaliadores como uma versão fiel a original que apresentou linguagem adequada para o contexto brasileiro. As três versões: original,

traduzida para o português e retraduzida para o inglês da Escala de Comunicabilidade Musical foram colocadas num quadro para melhor visualização (Quadro 3).

Comparação entre versão original, tradução e retradução da Escala de Comunicabilidade Musical			
	Original	**Traduzido**	**Retraduzido**
Título	Musical Communicativeness	Comunicabilidade Musical	Musical Communicability
Domínio	Instrumental	Instrumental	Instrumental
Domínio	Vocal	Vocal	Vocal
Domínio	Body movement	Movimento corporal	Body movement
Grau 7	Musical intelligence and skills freely functioning and competently, personably communicable. Enthusiasm for musical creativity.	Inteligência musical e habilidades funcionando livremente, competentemente e aparentemente comunicáveis. Entusiasmo para a criatividade musical.	Musical intelligence and abilities working freely and apparently communicable. Enthusiasm for musical creativity.
Grau 6	Participating communicative. Responsiveness firmly established. Growing musical self-confidence. Independence in using rhythmic, melodic, or expressive components.	Participação responsiva comunicativa firmemente estabelecida. Crescimento de autoconfiança musical. Independência em usar componentes rítmicos, melódicos e expressivos.	Communicative response participation strongly established. Growth in musical self-confidence. Independence when using rhythmic, melodic or expressive components.
Grau 5	Sustaining of directed response impulses setting up musical communication. Musical motivation appearing. Involvement increasing.	Sustentação de impulsos de resposta direcionada criando comunicação musical. Motivação musical aparecendo. Envolvimento aumentando.	Musical communication is created by means of sustained directed response impulses.
Grau 4	Musical awareness awakening. Intermittent musical perception and intentionality manifesting.	Despertar da consciência musical. Percepção musical intermitente que se manifesta intencionalmente.	Awakening of the musical consciousness. Intermittent musical perception manifests itself with intentionality.
Grau 3	Evoked responses (ii): more sustained and musically related.	Respostas evocadas (ii): mais sustentadas e musicalmente relacionadas.	Evoked responses (ii): better sustained and musically related.
Grau 2	Evoked responses (i): fragmentary, fleeting.	Respostas evocadas (i): fragmentadas, passageiras.	Evoked responses (i): fragmented, ephemeral.
Grau 1	No musically communicative responses.	Nenhuma resposta musicalmente comunicativa.	No musically communicative response.

Quadro 3: Comparação entre versão original, tradução para o português e retradução para o inglês da Escala de Comunicabilidade Musical.

Com relação aos dados coletados por meio do questionário aplicado aos 10 avaliadores, referente à análise das equivalências de itens, semântica e operacional da Escala de Comunicabilidade Musical, também encontramos resultados satisfatórios. Nesse questionário, as 3 primeiras questões eram referentes a identificação, gênero e profissão dos avaliadores.

Na quarta questão, ao serem perguntados sobre como avaliavam os itens presentes na Escala de Comunicabilidade Musical em um aspecto geral no contexto clínico, todos os avaliadores classificaram os itens como totalmente pertinente ao contexto clínico brasileiro.

Nas questões 5 a 7, referentes aos domínios da Escala de Comunicabilidade Musical, 100% dos avaliadores consideraram os domínios Vocal e Instrumental totalmente pertinentes ao contexto clínico brasileiro. Com relação ao domínio de Comunicabilidade Musical de Movimento Corporal, 70% dos avaliadores consideraram totalmente pertinente e 30% avaliaram como parcialmente pertinente ao contexto brasileiro. Na questão 8, ao serem perguntados sobre a classificação em graus de 1 a 7 da Escala de Comunicabilidade Musical, 90% dos avaliadores consideraram os graus totalmente pertinentes, enquanto 10% consideraram parcialmente pertinente ao contexto brasileiro.

Ao serem questionados sobre a linguagem do manual explicativo e da Escala de Comunicabilidade Musical, 60% consideraram o texto totalmente compreensível e 40% consideraram parcialmente compreensível.

Nas questões 11 a 13, ao serem perguntados sobre a relevância da validação da Escala de Comunicabilidade Musical para o contexto musicoterapêutico brasileiro em geral e para futuras pesquisas, todos os avaliadores consideraram que a mesma é relevante para a musicoterapia, para o contexto brasileiro e para pesquisas futuras.

Nas questões 14 a 16, os avaliadores foram questionados sobre a possível utilização da Escala de Comunicabilidade Musical nos contextos de avaliação a pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento, outras condições médicas e pessoas saudáveis. Dentre eles, 100% acreditavam que a Escala de Comunicabilidade Musical poderia ser utilizada para avaliação de pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento e 90% acreditavam que a Escala de Comunicabilidade Musical poderia ser utilizada para a avaliação de pessoas com outras condições médicas e avaliação de pessoas saudáveis.

Posteriormente, na questão 17, onde deveriam responder sobre qual seria o formato ideal para a Escala de Comunicabilidade Musical, 80% dos avaliadores afirmaram que o formato ideal seria o de Tabela em substituição ao formato original. A versão original pode ser observada na Fig. 2, e a nova versão em tabela pode ser observada no Quadro 4.

Criança: _____ DN: _____ Data: _____ Sessão: _____

Terapeuta: _____ Avaliador: _____ Data avaliação: _____

NÍVEIS DE COMUNICABILIDADE	MODOS DE ATIVIDADE			
	Instrumental	Vocal	Movimento Corporal	Avaliação total
(7) Inteligência musical e habilidades funcionando livremente e competentemente, e aparentemente comunicáveis. Entusiasmo para a criatividade musical.				
(6) Participação responsiva comunicativa firmemente estabelecida. Crescimento de auto-confiança musical. Indepêndencia em usar componentes rítmicos, melódicos ou expressivos.				
(5) Sustentação de impulsos de resposta direcionada, criando comunicação musical. Motivação musical aparecendo. Envolvimento aumentando.				
(4) Despertar da consciência musical. Percepção musical intermitente que se manifesta intencionalmente.				
(3) Respostas evocadas (ii): mais sustentadas e musicalmente relacionadas				
(2) Respostas evocadas (i): fragmentadas, passageiras.				
(1) Nenhuma resposta musicalmente comunicativa				
			Não-ativo	

Fig. 2: Versão traduzida e retirada da versão original *Music Communicativeness Scale* (NORDOFF; ROBBINS; MARCUS, 2007: 400)

Versão traduzida para o português brasileiro da Escala de Comunicabilidade Musical

Autora: **Aline M. André**

Criança:	**Data de Nascimento:**			**Data:**	**Sessão:**
Terapeuta:	**Avaliador**			**Data da avaliação:**	
Níveis de comunicabilidade	**Modos de atividade**				**Avaliação total**
	Instrumental	Vocal	Movimento corporal		
(7) Inteligência musical e habilidades funcionando livremente, competentemente e aparentemente comunicáveis. Entusiasmo para a criatividade musical.					
(6) Participação responsiva comunicativa firmemente estabelecida. Crescimento de autoconfiança musical. Independência em usar componentes rítmicos, melódicos e expressivos.					
(5) Sustentação de impulsos de resposta direcionada criando comunicação musical. Motivação musical aparecendo. Envolvimento aumentando.					
(4) Despertar da consciência musical. Percepção musical intermitente que se manifesta intencionalmente.					
(3) Respostas evocadas (ii): mais sustentadas e musicalmente relacionadas.					
(2) Respostas evocadas (i): fragmentadas, passageiras.					
(1) Nenhuma resposta musicalmente comunicativa.				Não ativo.	

Quadro 4: Versão traduzida para o português brasileiro da Escala de Comunicabilidade Musical.

Na última questão, os avaliadores tiveram a oportunidade de comentar sobre o texto em geral. Setenta por cento (70%) dos avaliadores deixaram comentários. Os comentários relatavam que a Escala de Comunicabilidade Musical pode auxiliar os musicoterapeutas, no sentido de obterem dados mais concretos sobre seus pacientes. Os avaliadores acreditavam ainda que a Escala poderia avaliar cada comportamento dentro de uma sessão de musicoterapia e que teria muito a contribuir para o contexto brasileiro. Com relação ao manual explicativo, os avaliadores afirmaram que a tradução está boa, o texto está bem explicativo, mas este poderia ser mais direto e objetivo.

Discussão

A análise dos avaliadores demonstra que a versão brasileira da Escala de Comunicabilidade Musical pode contribuir para pesquisas futuras.

O modo como o manual explicativo foi traduzido seguiu a mesma lógica e fluência que o manual original em inglês. Possivelmente por isso a tradução não tenha a mesma facilidade de interpretação que um texto escrito originalmente em português, mas a mesma pode ser compreendida por todos. No caso da aplicabilidade da Escala de Comunicabilidade Musical por outros profissionais, pode ser necessário um treinamento, pois o teste apresenta linguagens específicas da área da musicoterapia. O fato do manual e da Escala de Comunicabilidade Musical serem compreensíveis demonstra que houve uma equivalência semântica no contexto brasileiro, e a escolha pelo novo formato da Escala de Comunicabilidade Musical reforça a equivalência operacional da mesma para o Brasil.

Inicialmente, no Brasil, a Escala de Comunicabilidade Musical foi utilizada em pesquisas para avaliar, em conjunto com outros testes, o comportamento de crianças autistas, conforme apresentam os autores André e Batista (2014), Freire (2014) e Sampaio (2015). Segundo análise dos avaliadores em nosso estudo, a aplicação da escala, após seu processo inicial de validação, pode se estender a outras condições, assim como ocorre em seu contexto original, que não se restringe a uma única condição médica para sua utilização. Nordoff, Robbins e Marcus (2007) descrevem que, em sua origem, as Escalas Nordoff Robbins eram utilizadas em diversas populações, como: crianças com TEA, crianças com esquizofrenia infantil, crianças com transtorno emocional grave, crianças com lesão cerebral, crianças com deficiência visual, crianças com paralisia cerebral, crianças com deficiência mental grave e crianças com deficiência de aprendizado com complicações de afasia. Além das condições médicas descritas por Nordoff, Robbins e Marcus (2007), no período de criação da escala, observamos pesquisas mais recentes com crianças saudáveis, conforme demonstram os autores do Centro Nordoff Robbins da Austrália (2008) e os autores Bunt (2003), Rahman (2008) e Wood (2006).

Sabe-se que a música está presente desde o início da vida humana. Nordoff, Robbins e Marcus (2007) relatam que o embrião se torna sensível aos estímulos auditivos por volta da 23ª semana de gestação. A audição é o primeiro sentido de desenvolvimento que conecta o indivíduo ao mundo externo. Segundo os autores, sons do ambiente são claramente audíveis dentro do útero. A fala, é claro, não é compreendida, mas são escutadas suas entonações melódicas e seus ritmos, começando a desenvolver a capacidade de assimilação dos contornos melódicos e do ritmo.

A individualidade embrionária também se torna sensível ao timbre e à característica afetiva dos sons aos quais ele está exposto e, assim, adquire uma disposição para responder às características expressivas da melodia. Música no ambiente também é claramente ouvida – bebês demonstraram reconhecer melodias escutadas enquanto ainda estavam no útero. Até o momento em que nascemos, absorvemos uma quantidade considerável de experiências musicais – dependendo do que o ambiente ofereceu – e emergimos do útero com uma disposição inata para responder à música e com bases para realizar e colocar em ação as habilidades comunicativas musicalmente fundamentais.

Tudo isto está presente como biologicamente estabelecido e como canal potencialmente interativo bem antes da possibilidade da comunicação verbal aparecer. Essencialmente, processos interativos na musicoterapia dependem da excitação e do fomento dessa disposição inata para a comunicabilidade musical. Isto é um processo de crescimento inteiramente individual para cada criança, e este percurso depende do caráter da criança, da essência musical da abordagem terapêutica, da natureza e dos efeitos da deficiência ou disfunção que trouxeram a criança para a terapia.

Os trabalhos clínicos focados em desenvolver a comunicação musical são fundamentalmente um processo de exploração que começa muitas vezes com respostas evocadas e passam para o descobrimento de um caminho de experiências comunicativas que é nutrido pela realização de motivos pessoais, temas ou qualidades de sentido musical em coatividade com o musicoterapeuta. Esses acontecimentos nutrem a autoimagem e podem desencadear motivação para participar com intenção, entrar em atividades recíprocas e para a descoberta de que tais intercomunicações são seguras, satisfatórias e prazerosas.

As experiências individuais ocorrem em diversas culturas e em pessoas com diversas condições. Ainda segundo Nordoff, Robbins e Marcus (2007), a Escalas Nordoff Robbins foram desenvolvidas para avaliar essa comunicação de forma mais objetiva. Considerando a análise dos avaliadores de nosso estudo, acreditamos que a Escala de Comunicabilidade pode contribuir para o contexto brasileiro em diversos aspectos.

O fato de todos os avaliadores considerarem os itens de Comunicação Musical Vocal e Instrumental totalmente pertinentes para o contexto clínico brasileiro reforçam que esses comportamentos avaliados também estão presentes em nossa cultura.

No domínio de Comunicabilidade Musical de Movimento Corporal, a maioria dos avaliadores afirmou que o item é totalmente pertinente ao contexto clínico brasileiro, e apenas 30% avaliaram o item como parcialmente pertinente. Possivelmente os comportamentos avaliados nesse item existem em nosso contexto de algum modo, mas os avaliadores não justificaram o motivo de considerarem parcialmente pertinente.

A análise positiva dos avaliadores em relação à perspectiva geral dos itens da Escala de Comunicabilidade Musical no contexto brasileiro demonstra que houve uma equivalência de itens.

A pertinência de todos os itens da Escala de Comunicabilidade Musical no contexto brasileiro, conforme afirmação dos avaliadores, também indica que os comportamentos a partir de estímulos musicais podem ser avaliados pela Escala de Comunicabilidade Musical no Brasil em diversos contextos, sejam eles o de crianças com transtorno do neurodesenvolvimento ou outras condições a serem pesquisadas.

Possivelmente diversas populações poderão se beneficiar da avaliação com a Escala de Comunicabilidade Musical, pois, como afirma Levitin (2010), todo indivíduo percebe e reage à música de algum modo. Ruud (1991), por exemplo, relata que a forma em que o indivíduo percebe e responde a música pode representar aspectos culturais e indicar seu estado de saúde. Além disso, a música pode ser utilizada como ferramenta mediadora para reabilitação em diversas condições, inclusive neurológicas, pois, como relata Thaut (2005), a plasticidade cerebral pode ser estimulada pelo ritmo, pela sequência de movimentos e pelas funções cerebrais ativadas pela música.

Considerações finais

Nesse estudo foi possível avaliar três equivalências a partir do Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998): *equivalência de itens*, *equivalência semântica* e *equivalência operacional* da versão brasileira da Escala de Comunicabilidade Musical.

De acordo com a revisão da literatura apresentada sobre o processo de *equivalência conceitual* descrita por André, Gomes e Loureiro (2016), a Escala de Comunicabilidade Musical poderá contribuir com diversos contextos clínicos e de pesquisa, além de auxiliar musicoterapeutas qualificados em avaliações na prática sistematizada.

Em etapas futuras desse processo de validação, serão realizados estudos para verificar as equivalências de mensuração e equivalência funcional da Escala de Comunicabilidade Musical.

Estudos futuros na utilização da Escala de Comunicabilidade Musical no contexto brasileiro poderiam ser realizados visando auxiliar diversos profissionais da área da música, como instrumentistas e educadores musicais. Além de poder ser utilizada para verificar o nível de envolvimento de um músico profissional na improvisação musical em diversos estilos, também acreditamos que possa auxiliar o educador musical através da avaliação e da verificação das dificuldades do estudante e, com isso, por exemplo, desenvolver estratégias de ensino para que o mesmo tenha mais condições de melhorar tecnicamente os recursos de uma boa comunicação em improvisação musical.

Na musicoterapia, essa escala pode facilitar a avaliação de pessoas em diversas condições de saúde. Poderá auxiliar no contexto clínico, na forma como o musicoterapeuta irá quantificar e qualificar o desenvolvimento do paciente e estabelecer meios para alcançar objetivos propostos e prognósticos futuros, levando em consideração a melhora global de cada indivíduo.

Referências

AIGEN, Kenneth. Cognitive and Affective Processes in Music Therapy with Individuals with Developmental Delays: A Preliminary Model for Contemporary Nordoff-Robbins Practice. *Music Therapy*, v. 13, n. 1, p. 13-46, 1995.

ANDRÉ, Aline Moreira; BATISTA, Davi Oliveira. *Análise psicométrica das Escalas Nordoff Robbins como instrumento de avaliação no atendimento musicoterapêutico de crianças autistas atendidas no Hospital das Clínicas da UFMG*. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

ANDRÉ, Aline Moreira; GOMES, Cristiano Mauro Assis; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Escalas Nordoff Robbins: uma revisão bibliográfica. *Percepta - Revista de Cognição Musical*, v. 3, n. 2, p. 117-131, 2016.

BELL, Adam Patrick et al. The Music Therapy Communication and Social Interaction Scale (MTCSI): Developing a New Nordoff-Robbins Scale and Examining Interrater Reliability. *Music Therapy Perspectives*, v. 32, n. 1, p. 61-70, 2014.

BERGMANN, Thomas. *Music Therapy for People with Autism Spectrum Disorder*. The Oxford Handbook of Music Therapy. New York: Oxford University Press, 2015.

BERGMANN, Thomas et al. Music in Diagnostics: Using Musical Interactional Settings for Diagnosing Autism in Adults with Intellectual Developmental Disabilities. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 25, n. 4, p. 319-351, 2016.

BUNT, Leslie. Music Therapy with Children: A Complementary Service to Music Education? *British journal of music education*, v. 20, n. 2, p. 179-195, 2003.

CALTABIANO, Amanda. *The Impact of Music Therapy on the Social Behaviours of Children with Autism in a Structured Outdoor Inclusive Setting*. JOUR – University of Sydney, 2010.

CENTRO NORDOFF ROBBINS DA AUSTRÁLIA. Music therapy program for "at risk" students Nordoff-Robbins Music Therapy Australia and James Meehan High School. Australia, 2008.

FREIRE, Marina Horta. *Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo*. Dissertação (Mestrado em Neurociências). Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

GATTINO, Gustavo Schulz; WALTER, Fabio Ferraz; FACCINI, Lavinia Schuller. Fundamentos sobre validade para o campo musicoterapêutico. In: EMPEMT - ENCONTRO DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, X, 2010, Salvador. *Caderno de resumos*: Associação Baiana de Musicoterapia, 2010. p. 7-14.

HERDMAN, Michael; FOX-RUSHBY, Julia; BADIA, Xavier. A Model of Equivalence in the Cultural Adaptation of HRQoL Instruments: The Universalist Approach. *Quality of life Research*, v. 7, n. 4, p. 323-335, 1998.

LEVITIN, Daniel J. *A música no seu cérebro*: a ciência de uma obsessão humana. 1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

MACKINLAY, Elizabeth; FORREST, David. Making Sound Waves: Diversity, Unity, Equity. Parkville, Australia: Society for Music Education. 2011.

MAHONEY, John F. Interrater Agreement on the Nordoff-Robbins Evaluation Scale I: Client-Therapist Relationship in Musical Activity. *Music and Medicine*, v. 2, n. 1, p. 23-28, 2010.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive; MARCUS, David. *Creative Music Therapy: Guide to Fostering Clinical Musicianship*. 2. ed. New Hampshire: Barcelona Publishers, 2007.

RAHMAN, Yousria Abdel. Doctoral School Summer Conference June 2008 Institute of Education. *Educate*, v. 8, n. 1, p. 34–64, 2008.

ROBARTS, Jacqueline Z. Music Therapy and Adolescents with Anorexia Nervosa. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 9, n. 1, p. 3-12, 2000.

RUUD, Even. *Música e saúde*. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1991.

SAMPAIO, Renato Tocantins. *Avaliação da sincronia rítmica em crianças com transtorno do espectro do autismo em atendimento musicoterapêutico*. Tese (Doutorado em Neurociências). Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SZWEDA, Sara Knaplk. The Effectiveness and Influence of Vocal and Instrumental Improvisation in Music Therapy on Children Diagnosed with Autism. Pilot Study. *The Journal of Education Culture and Society*, p. 153-166, 2015.

THAUT, Michael H. *Rhythm, Music, and the Brain: Scientific Foundations and Clinical Applications*. New York: Routledge, 2005. v. 7.

WIGRAM, Anthony Lewis. Music Therapy Assessment: Psychological Assessment without Words. *Psyke & Logos*, v. 28, n. 1, p. 25, 2007.

WIGRAM, Tony; GOLD, Christian. Music Therapy in the Assessment and Treatment of Autistic Spectrum Disorder: Clinical Application and Research Evidence. *Child*: care, health and development, v. 32, n. 5, p. 535-542, 2006.

WOOD, Stuart. "The Matrix": A Model of Community Music Therapy Processes. *Voices*: A World Forum for Music Therapy, v. 6, n. 3, nov. 2006.

Anexo: Questionário de Análise para Equivalência de Itens, Semântica e Operacional.

Questionário de Análise para Equivalências de Itens, Semântica e Operacional

1- Nome: [1]

2- Profissão: *

3- Sexo:*

4- Levando em consideração sua experiência profissional no contexto brasileiro, como você avalia os itens da Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

5- Como você avalia o domínio de Comunicabilidade Musical Vocal na Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

6- Como você avalia o domínio de Comunicabilidade Musical Instrumental na Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

***** Símbolos utilizados para indicar perguntas com resposta obrigatória e que devem ser respondidas na ordem indicada.

7- Como você avalia o domínio de Comunicabilidade Musical de Movimento corporal na Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

8- Como você avalia a numeração de 1 a 7 na Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

9- Como você avalia a linguagem do texto explicativo da Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Incompreensível
- Parcialmente compreensível
- Totalmente compreensível

10- Como você avalia a linguagem do texto da Escala de Comunicabilidade Musical? *

- Incompreensível
- Parcialmente compreensível
- Totalmente compreensível

11- Você considera que a Escala de Comunicabilidade Musical pode contribuir para a musicoterapia no contexto brasileiro? *

- Não
- Sim

12- Você considera que a Escala de Comunicabilidade Musical pode contribuir para pesquisas brasileiras? *

- Não
- Sim

13- Você considera a validação da Escala de Comunicabilidade Musical relevante para a musicoterapia no Brasil? *

- Não
- Sim

14- Você considera que a Escala de Comunicabilidade Musical pode auxiliar na avaliação de pessoas com atraso do desenvolvimento, também denominado transtorno do neurodesenvolvimento? *

Não

Sim

15- Você considera que a Escala de Comunicabilidade Musical pode auxiliar na avaliação de pessoas com outras condições médicas? *

Não

Sim

16- Você considera que a Escala de Comunicabilidade Musical pode auxiliar na avaliação de pessoas saudáveis? *

Não

Sim

17- Sobre a formatação da Escala de Comunicabilidade Musical, qual sua preferência? *

Formatação original

Formato de Tabela

18- Você gostaria de deixar alguma sugestão ou comentário? *

Agradecimentos

Agradecemos a todos os tradutores e avaliadores por colaborarem com esse estudo e agradecemos ao Professor Dr. Kenneth E. Bruscia, diretor da Editora Barcelona Publisher, por nos conceder autorização para realizar esse estudo na *Tradução e Validação da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical* para o contexto brasileiro.

Kenneth E. Bruscia - Professional certifications in music therapy (MT-BC) and Guided Imagery and Music (FAMI). B.M.: Piano Performance, University of Cincinnati, M.M.: Piano Performance, University of Cincinnati, M.A.: Psychology, Duquesne University, New School for Social Research, Ph.D.: Psychology of Music, New York University.

Tradutores

Aluízio B. de Oliveira Neto – Graduado em Engenharia Elétrica (UFMG), mestre em Computação Musical (Universitat Pompeu Fabra – Espanha), doutorando em Sonologia (EM- UFMG).

Heitor Vicente Corrêa – Graduando em Musicoterapia (UFMG).

Letícia Gomes e Souza Dabés – Graduação em Turismo (UFMG), pós-graduação em Tradução (Estácio), graduanda em Letras com ênfase em Tradução (UFMG).

Avaliadores

Alexandra Monticeli de Souza Ricardo – Graduanda em Musicoterapia (UFMG).

Camila Nascimento de Castro – Bacharelado em Musicoterapia, licenciatura em Música (UFMG).

Davi Oliveira Batista – Bacharelado em Musicoterapia (UFMG).

Emily Hanna Pinheiro Ferreira–Graduanda em Musicoterapia (UFMG).

Gustavo Schulz Gattino – Graduado em Musicoterapia (Instituto Superior de Música de São Leopoldo - ISM), mestre e doutor pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente (Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), professor do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Heitor Vicente Corrêa – Graduando em Musicoterapia (UFMG).

Henriane Camile Pimenta de Souza – Graduanda em Musicoterapia (UFMG).

Marina Horta Freire – Graduação em Musicoterapia, (Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP), mestre em Neurociências, doutoranda em Educação Musical, professora do curso de Bacharelado em Música/habilitação Musicoterapia (UFMG).

Renato Tocantins Sampaio – Graduação em Musicoterapia (Faculdade Marcelo Tupinambá - MARTUP), Licenciatura Plena em Música (Faculdade de Artes Santa Marcelina - FASM), Mestrado em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP), doutor em neurociências, professor do curso Bacharelado em Música/habilitação Musicoterapia (UFMG).

Rhainara Lima Celestino Ferreira – Graduanda em Musicoterapia (UFMG).

Aline Moreira André é mestranda em Música na Universidade Federal de Minas Gerais (2015/2017), com apoio da FAPEMIG ao projeto Tradução e validação das Escalas Nordoff Robbins. Bacharel em Música - Musicoterapia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Participou de pesquisas nos seguintes temas: protocolo de atendimento, transtorno do espectro do autismo, patologias neurológicas, musicoterapia improvisacional, musicoterapia neurológica e Escalas Nordoff Robbins. aline.musicasax@gmail.com

Cristiano Mauro Assis Gomes é psicólogo, doutorado em Educação - UFMG, pós-doutorado em Psicologia Educacional - Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Psicologia da UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Neurociências (UFMG). Coordenador do Laboratório de Investigação da Arquitetura Cognitiva (LAICO). Bolsista de Produtividade nível 2, CNPq. cristianomaurogomes@gmail.com

Cybelle Maria Veiga Loureiro é coordenadora da área de Habilitação em Musicoterapia, Dep. INC- Escola de Música, Professora Permanente do PPG Música - ESMU-UFMG, Professora Colaboradora do PPG em Neurociências/ICB-UFMG, Membro da Comissão em Educação e Pratica Clinica na Federação Mundial de Musicoterapia-WFMT. cybelle@musica.ufmg / education@wfmt.inf

Apoio

Programa de Pós-Graduação em Música/UFMG

FAPEMIG